

A PROVÍNCIA

Semanário

AVENÇA

Informação « Cultura » Recreio

Proprietário, Administrador e Editor
V. S. MOTTA PINTOREDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — AV. D. NUNO ÁLVARES PEREIRA, 18 — TELEF. 030467
MONTIJO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA «GRAFEX» — TELEF. 030236 — MONTIJO

DIRECTOR
MOTTA PINTO

Natal — Presépio — Árvore do Natal

— O Pai Natal

(Palestra lida ao microfone da EMISSORA NACIONAL), pelo
Prof. José M. Landeiro, na Campanha do Natal de 1957

A festa do Natal é a comemoração do nascimento do Messias Prometido, em Belém, terra de Judá. É, ainda, a festa da família, da infância e, em resumo, da caridade cristã. Muito se há discutido sobre o dia da natividade de Jesus Cristo, sem contudo se ter chegado à certeza.

Assim, vemos que nos dois primeiros séculos, esta festividade comemorava-se nos meses de Janeiro, Abril, Maio e Dezembro. Um pedido de Cirilo, bispo de Jerusalém, deu origem à consulta das Igrejas do Ocidente e do Oriente que, com os teólogos mais sapientíssimos daqueles tempos, fixaram, para a comemoração do Natal, o dia 25 de Dezembro. Estava-se no século IV; o papa Júlio I governava a Igreja de Roma.

Do século VI em diante o Pontífice permitiu que os padres celebrassem três missas no dia de Natal, a primeira, à meia-noite (*missa do galo*); a 2.ª, ao nascer do Sol (*missa de alva*) e a 3.ª, a do dia.

* * *

Os presépios, verdadeira manifestação de arte cristã, tiveram a sua origem em Gréccio. Como? Estava-se na noite de Natal de 1223. S. Francisco, o *Pobrezinho de Assis*, resolveu reconstituir toda a cena do primeiro presépio — a lapinha de Belém. Para isso aproveitou uma gruta que havia próximo do ermitério de Gréccio. A noite estava sossegada. Toda a natureza dormia. Um rochedo serviu de altar para celebração da missa.

Junto dele estava armado o presépio, não faltando os animais que, com José e Maria, se encontravam na lapinha de Belém.

A missa celebrada na gruta de Gréccio, S. Francisco acolitou de diácono e, como tal, cantou o evangelho e prégo sobre o mistério divino de Belém. Terminada a missa, o irmão Francisco levantou o Menino Jesus das palhinhas e tomou-o nas mãos. A assistência, que era numerosa, viu, surpreendida, que a imagem sorria a Frei Francisco.

Era o próprio Deus Menino que lhe sorria, lhe acariciava a face, o abraçava e beijava, como se mais uma vez ali tivesse nascido.

Assim nasceu na grande alma do *Pobrezinho de Assis* a reconstituição piedosa e maravilhosa da comemoração do nascimento de Cristo. O povo cristão, católico, foi o seu herdeiro. Sobre a origem dos presépios vejamos o que diz o sr. Dr. Virgílio Correia: «A encantadora manifestação da arte portuguesa, os presépios, não, são, contudo uma criação portuguesa. Outros antes de nós, souberam agrupar figuras sagradas e profanas na representação humilde do nascimento de Jesus. Acrescida de comparsaria luzida e ensaiada a primor tal representação alcançou durante o século XVIII o apogeu cenográfico, e Portugal onde o italianismo dominava, pôde então estabelecer uma feição própria na arte de armar e compor um presépio.

A Flandres e a Itália podem arrogar-se da paternidade presepiál».

O presépio era nos meus tempos de criança a alegria da infância, toda ela era alvoroço. Como nos parecia ver nele a realidade do nascimento de Jesus! Todo este

artístico tesouro de religiosidade e arte cristã encontrase hoje ameaçado pela exótica *árvore do Natal*, pinheiro verde rodeado de luzes e brinquedos, mas contra a qual já no seu tempo protestava Ramalho Ortigão.

O P.º Miguel de Oliveira disse há um ano na E. N. que «não tem ela (a Árvore do Natal) qualquer significado especial na simbólica do cristianismo, nem pode oferecer às crianças aquela sugestão de beleza e mistério, aquela lição de suave humildade e fraterno amor que naturalmente se desprende dos presépios do Menino Jesus».

É o materialismo nórdico a apagar, com pingos de neve, as brazas ardentes da nossa Fé. Só no presépio de Jesus infante poderemos ver e aprender a lição da humildade, da pobreza, da confraternização, da paz, do amor, etc., prégado por um Deus que se fez homem, por amor dos homens.

Anti-cristã é também a lenda nórdica do *pai Natal* andar de barbas brancas a distribuir brinquedos na noite

(Continua na página 5)

Écloga de Crisfal

Entre Sintra, a mui prezada,
e serra do Ribatejo
que Arrábida é chamada,
perto donde o rio Tejo
se mete n'água Salgada,
houve um pastor e uma pastora
que com tanto amor se amaram
como males lhe causaram
este bem, que nunca fora,
pois foi o que não cuidaram.

Cristóvão Falcão

(In — Bernardim Ribeiro. (O Poeta Crisfal))

Imagens de Portugal

CASTELO DOS MOUROS

Uma panorâmica do al-
taneiro Castelo dos Mou-
ros debruçando-se sobre
a mimosa e exuberante
Vila de Sintra, agora
em plena vegetação.

AO CAIR DA TARDE

Por Dr. Cabral Adão

Aos domingos, enquanto uns vão para o futebol, outros para a «matinée» e outros para o café, eu passeio amiúde pelos arredores de Setúbal, seguro de que terei sempre encantos novos em qualquer direcção que eu divague, pois a península arrábido-setubalense reserva constantes surpresas aos amantes da Natureza, de que ela é uma das mais belas expressões, em Portugal ou no Mundo!

umas vezes Sesimbra, outras vezes Caparica, outras vezes Montijo...

— Vamos até ao Montijo? Ver o sr. Luís, do moinho?

— Vamos! Há três anos que não sabemos dele. Como estará de saúde, tão derreado ele andava com o reumatismo?!

— Há-de estar bom, querendo Deus. Ala!

Assim foi. Automóvel na estrada, acelerador a meio curso, paragem atrás da escola Conde de Ferreira e muro fora, a pé, entre a marinha do sr. José Leite e a caldeira do Brás. Ao topo, lá estava a velha construção dum só piso, porta semi-aberta, duas mós tombadas em frente. Espreitei pela frincha, mas não lobriguei ninguém. Tudo parado, tudo em silêncio.

Era ao cair da tarde. O sol, baixo, envernizava as águas do Tejo, paradas no descanso de duas marés, agora na mínima vazante. Um barco chegou de Lisboa e transbordou para a ponte um ror de passageiros. A vila parece narcotizada pela modorra da tarde, e as casas ribeirinhas reflectem-se no rio como num espelho de verniz húmido, espécie de parafina lustrosa, espécie de aço líquido, levemente trémulo, que reproduz, em posição inversa, as cores e as formas do casario.

Dáí a minutos, ouvi ranger os gonzos da porta e o sr. Luís da Areia apareceu, curvo como há três anos, lento de movimentos, olhar demorado. Com um pouco de esforço reconheceu-me:

— Ah, já me lembro! Então como passou?

— Eu, bem, agradecido. E o sr. Luís?

— Cá vou indo. Enquanto vou podendo, trabalho, pois o que se há-de fazer?! Não há outro remédio. Mas isto

esti muito emperrado — e escorria as mãos pelos quadris e as pernas.

Falámos do moinho. Agora os muros estão melhores porque o senhorio os mandou reparar.

— Se quiser ver... Faz favor de entrar, esteja à sua vontade.

— Então com licença.

Atravessámos o velho moinho de ponta a ponta, agora parado por algumas horas à espera da enchente que dê diferença de nível, para haver queda e força motriz.

Muro fora, já o sol baixara inexoravelmente sobre os fumos e os pinhais do Barreiro, laivando os canais e as caldeiras duma esteira de lantejoulas douradas, amorosa e sonolenta qual charão oriental de suaves mistérios.

Sentámo-nos numa caixa perfurada, para reter enguias dentro d'água, em forma de barco fechado. Li n' «A PROVÍNCIA» os pormenores da tragédia de «Titanic» e os números aterradores da mortalidade verificada na epidemia de 1918, de que já estava esquecido. Olhar novamente no poente, espectáculo variado e rico que me encanta, e regresso ao semanário montijense, agora para ler o oportuno artigo da sr.ª D. Antonia Seisdedos e a pormenorizada lição do prof. Landeiro sobre conclaves.

A dois passos, num barco em seco, muito bonito, muito bem pintado, um homem movimentava-se em aprestos de faina. Como me intrigam uns feixes circulares de paus espetados ao alto no lodo da caldeira do moinho, perguntolhe:

— Não faz favor de me dizer o que é isto?

O homem ajeita o boné, fixa o olhar nos molhos que eu aponto e responde:

— Ah, isso são as varas dos barcos que ficam aí na tapada durante o inverno. Como agora, no defeso, não são necessários, a gente espetá-os ao alto, para não os levar para outro sitio, que dava mais trabalho e não ficariam melhor.

Encetámos então uma conversa, género de perguntas, minhas, e respostas, dele, que me satisfazia toda a curiosidade com agrado.

Chama-se Manuel Gon-
(Continua na página 4)



AGENDA ELEGANTE

Aniversários

DEZEMBRO

— No dia 16, completou as suas 17 rissonhas primaveras a menina Maria Carolina Gervásio Bastos, filha do nosso prezado assinante, sr. António Mendes Bastos.

— No dia 16, a menina Eugénia Marina Cabrita Travelho, filha do nosso dedicado assinante, sr. José Maria Travelho Júnior, de S. João do Estoril.

— No dia 16, o sr. Capitão Francisco Salgueiro da Silva, nosso prezado assinante.

— No dia 17, perfee 28 anos o nosso estimado assinante, sr. José Gago de Sousa.

— No dia 17, o sr. César Cordeiro da Silva, esposo da nossa estimada assinante, sr.^a D. Joana Vicente da Silva.

— No dia 18, a menina Maria Natália Beatriz Gregório, filhinha do nosso prezado assinante, sr. Joaquim de Sousa Gregório.

— No dia 19, completa 10 anos a menina Maria Clementina Cavaco Gonçalves, gentil filha do nosso estimado assinante, sr. Firmino Rodrigues Gonçalves.

— No dia 19, a sr.^a D. Maria José Mónica Marques, esposa do nosso prezado assinante, sr. Anselmo Joaquim Marques.

— No dia 20, o nosso estimado assinante, sr. José Maria Victor Júnior.

— No dia 20, a sr.^a D. Maria Aurélia da Fonseca, esposa do nosso dedicado assinante, sr. Joaquim da Fonseca Júnior.

— No dia 21, completa quatro anos o menino Francisco José Oleiro Lucas, filho do nosso dedicado redactor desportivo, sr. Artur José Fernandes Lucas.

— No dia 21, perfee 40 anos a sr.^a D. Luisa Cristeta Nunes Aleixo, irmã do nosso estimado assinante em Pegões-Cruzamento, sr. Simão Cristeta Aleixo, e esposa do nosso prezado correspondente local.

A todos os aniversariantes e suas famílias, apresentamos as nossas efusivas felicitações.

Baptizado

No passado dia 8, dia de Nossa Senhora da Conceição, Padroeira de Portugal, foi baptizado na Capelinha das Aparições, em Fátima o menino Luis Filipe Ferreira Pita, filho do nosso prezado amigo, sr. Prof. Luis A. Caeiro Pita e da sr.^a Dr.^a D. Maria Manuela Brandão Ferreira Pita.

Foi celebrante o sr. P.^c Lima e, apadrinhou, os avós maternos, sr. Manuel Dias Ferreira, comerciante na nossa praça e a sr.^a D. Maria José Ribeiro Brandão Ferreira.

Fazendo votos pela felicidade do novo cristão, apresentamos aos pais os nossos sinceros parabéns.

Nascimentos

— No dia 4 do corrente, teve o seu bom sucesso a sr.^a D. Maria Gertrudes G. Teodoro da Silva Maricato, casada com o nosso estimado assinante, sr. João Carvalheira Maricato, residentes na Atalaia, dando à luz uma criança do sexo masculino.

Tanto a parturiente como a recém-nascida, estão de boa saúde.

— Iguualmente no dia 9 deste mês, a sr.^a D. Maria Lídia da Cruz Costa, casada com o nosso prezado assinante, sr. Raúl Alexandre Rosa Barros, domiciliados nesta vila, deu à luz uma criança do sexo feminino, tendo o parto decorrido normalmente.

Aos pais dos infantes apresentamos as nossas felicitações, desejando um rissonho porvir para seus filhinhos.

Casamentos

— Na Conservatória do Registo Civil de Montijo, efectou-se no dia 30 de Novembro p. p., o casamento do nosso estimado assinante, sr. Manuel Gonçalves da Silva, natural de Lisboa, filho do nosso dedicado assinante, sr. César da Silva, proprietário de «A Sibéria» e da sr.^a D. Laurinda Gonçalves da Silva, com a sr.^a D. Maria Lídia Bastos da Cruz, natural desta vila, filha do sr. Francisco Diogo Cruz Júnior (já falecido) e da

MONTIJO

Campanha do Bolo

do Natal dos Pobres

Verifica-se o bom acolhimento por parte das senhoras de Montijo em prol da campanha levada a cabo pelo nosso colega «Diário Popular» de colaboração com a «Margarina Chefe».

E assim, a Comissão de Senhoras que deu a colaboração à Comissão e se compõe das senhoras, D. Joaquina Braz Eusébio, Maria Carolina Vieira Tavares, Maria Cecília Vieira de Oliveira, Maria da Conceição Constantino, Maria Ermelinda Albuquerque Santos, Maria Leonor Cruz Bordeira, Maria José Gouveia Lopes Cimbata, Natália Tobias, Perpétua da Conceição Portas, Rosalina Correia Carvalho e Veridiana Maria Lopes Gouveia, têm obtido êxito nas suas visitas a diversas casas particulares.

Todas as senhoras que estiverem interessadas em colaborar em tão simpática iniciativa, deverão preencher os cupões que aquele jornal publica diariamente e indicar neles a quantidade de «Margarina Chefe» que necessitam para a sua confecção, a fim de lhes ser distribuída urgentemente.

Santa Casa da Misericórdia

Em Assembleia Geral ordinária realizada no passado dia 12 do corrente, procedeu-se à eleição dos Corpos Directivos que regerá os destinos daquela benemérita instituição no triénio 1959/61, e que deu o seguinte resultado:

Assembleia Geral

Presidente, Joel Cid Navarro Rodrigues; *VOGAIS: Secretário*, José Estêvão da Silva Carvalho; *Secretário*, José Maclhado.

Mesa Administrativa

Provedor, Dr. José Sabino Regina Dias; *Secretário*, Francisco António Faria; *Tesoureiro*, Francisco Tobias da Silva Augusto; *Vogal efectivo*, António Rodrigues Tavares Júnior; *Vogal efectivo*, Eng.^o Gabriel da Fonseca Mimoso; *Vogal suplente*, Dr. José Miguel Alves de Mira; *Vogal suplente*, Adelino Antunes Veríssimo.

Conforme determina o Compromisso desta Santa Casa, a mesa da Assembleia Geral tomou posse nessa mesma noite, ficando o empossamento da Mesa Administrativa, e também como se encontra determinado, para o próximo dia 15 de Janeiro de 1959.

sr.^a D. Luciana Ramos Bastos. Deste acto foram padrinhos, pela parte do noivo o sr. Epifânio Oliveira (também nosso estimado assinante) e a sr.^a D. Conceição Oliveira; e pela noiva, o sr. Artur Ramos Bastos (igualmente nosso prezado assinante) e sr.^a D. Maria Antónia Ramos Bastos, todos residentes em Montijo.

Aos nubentas dirigimos as nossas saudações, desejando as melhores felicidades para o novo casal.

Na Igreja de S. Francisco, em Évora, efectuou-se no dia 8 deste mês, — dia da Imaculada Conceição —, o enlace nupcial da sr.^a D. Cândida Carlota Beatriz, natural desta vila, filha do nosso dedicado assinante sr. Domingos Beatriz e da sr.^a D. Maria Carlota Beatriz, com o sr. Joaquim Gomes d'Almeida Neves Baleizão, agente técnico de engenharia, filho do sr. Júlio Baleizão e da sr.^a D. Cândida das Neves Baleizão.

Apadrinharam o acto de casamento por parte da noiva, o sr. Joaquim José dos Santos Toscano e a sr.^a D. Josefa dos Santos Toscano; e por parte do noivo, o sr. Joaquim Gomes d'Almeida Chispa e a sr.^a D. Vitória Carlota d'Almeida Chispa.

Felicitando os noivos e seus estremosos pais, desejamos igualmente o mais venturoso futuro ao novo lar.

Orfanato Dr. César Fernandes Ventura

MONTIJO

A pedido da actual Direcção desta útil Instituição de Beneficência, publicamos a seguinte lista de ofertas já recebidas na sua gerência, até ao dia 26 de Novembro findo:

Do extinto Grupo Desportivo Estrelas Populares do Montijo, 145\$00; António Pascoal, 1 cesto com peixe; Augusto Boia, 1 cesto com peixe; Central Leiteira do Montijo, 5 litros de leite; Maria Ana Parente Lopes, 185\$00; António Rodrigues Tavares Júnior, 6 sacas com batatas; Pastelaria Mimosa, 1 cesto com pães; Padaria Mercantil, 15 kgs. de pão; Joaquim Cabrita, 100\$00; Pastelaria Mimosa, 75\$00; Manuel da Silva Russo, 500\$00; Manuel Marques Peixinho, 1 cesto com fruta; José Salgado de Oliveira, 1 cesto com fruta; Franceline Mimoso, 1 galo; Luís de Almeida Fernandes, 55\$00; António Vasco de Almeida Lucas, 100\$00; Samuel Lupi dos Santos Jorge, 50 litros de azeite; Nova Salineira Ribatejense, várias porções de sal; José Júlio Soeiro, 20\$00; Diogo Júlio Rodrigues Mendonça, 250\$00; José da Silva Leite, 10 litros de leite; Alice Rodrigues e Diogo dos Santos, 1 alcaofa com sardinhas; João Esteves de Oliveira, 3 sacos com batatas; Família Mora, 5 melancias; Comandante do Posto da G.N. Republicana, 1 cesto com uvas; Alfredo Marques Soeiro, 60\$00; António Marques Cepinha, 50\$00; José Fernandes Repas, Lda, 1 porção de hortaliça; Judite Rosado, 3 bilhetes para o espectáculo, — realizado pela Orquestra Sinfónica de Lisboa; Maria da Conceição Coelho Coca, vários livros de ensino; e, João Paulo Rato Sancho, vários livros de ensino.

Direcção do Dist. Escolar de Setúbal Exames de aptidão para a regência de postos escolares

Realizam-se no próximo mês de Janeiro exames de aptidão para a regência de postos escolares, devendo as provas ter início no dia 12 do mesmo mês.

Os candidatos a estes exames devem entregar a respectiva documentação na Direcção deste Distrito Escolar, de 2 a 9 do referido mês.

Câmara Municipal da Moita AVISO

A Câmara Municipal da Moita declara ter aberto concurso de escriturário de 2.^a classe do quadro privativo da sua Secretaria, pelo prazo de 30 dias a contar de 29 de Novembro p. findo.

A este concurso poderão concorrer os indivíduos que se encontrem nas condições do art.^o 460.^o do Código Administrativo.

Moita, 29 de Novembro de 1958

O Presidente da Câmara, a) José de Sousa Costa

Vendem-se

— DUAS MORADIAS no Afonsoeiro - Montijo. Trata Joaquim Rocha, R. Serpa Pinto, 43 telefone 030065.

Vendem-se

— PROPRIEDADE na Rua Bulhão Pato, 24, com estabelecimento, 1.^o andar com sotão separado e TRÊS MORADIAS na dita rua, com entrada pelo Beco do Capela. Informa na morada acima indicada ou pelos telefones 610391 013576.

Dr. Miguel Rodrigues Bastos

Encontra-se já na sua casa de Setúbal o sr. Dr. Miguel Rodrigues Bastos, ilustre Governador Civil do nosso distrito, em plena convalescença, após a intervenção cirúrgica a que foi sujeito ultimamente.

Dado o repouso a que deverá obedecer, o sr. Governador Civil pediu que se adiasse para data posterior a manifestação de regozijo que lhe desejavam fazer, pelo seu regresso ao convívio de sua família.

LUTUOSA

— Após prolongada doença, faleceu no dia 7 do corrente, — domingo — nesta vila, o sr. Mário Silva, de 54 anos, natural de Lisboa, antigo comerciante e nosso estimado assinante.

O extinto era casado com a sr.^a D. Virgínia Rosa Pinto e pai das sr.^{as} D. Leonor Maria, Adelaide e Gertrudes Pinto da Silva; do sr. Máio Pinto da Silva, e outros filhos menores, e sogro do nosso estimado assinante, sr. José Henrique Aguadeiro.

O falecido que esteve hospitalizado em Lisboa, foi transportado numa ambulância para esta vila, onde veio a falecer.

O seu funeral teve lugar na segunda-feira, 8, para o nosso cemitério municipal.

A todos os seus, apresentamos as nossas sentidas condolências.

Por desastre de trabalho ocorrido no Seixal, em 9 do corrente, faleceu na Cova da Piedade no dia seguinte, o sr. Manuel Fernandes Fragateiro, de 39 anos, natural de Montijo, ajudante de motorista, casado em segundas núpcias com a sr.^a D. Bernardina da Conceição Tavares.

O extinto era filho de Manuel Fernandes Fragateiro (já falecido) e da sr.^a D. Beatriz Caxeirinha.

O seu funeral custeado pela firma Mundet & C.^a, com sede no Seixal, efectuou-se na quinta-feira, dia 11, para o cemitério da nossa vila.

A sua viuva e restante família, endereçamos os nossos sentidos pésames.

Este vale de lágrimas... (Continuação da página 5)

Chovia e as pessoas abrigavam-se junto das fachadas dos cafés esperando que a chuva abrandasse.

Zacarias levantou a gola da gabarbine, olhou o Céu por momentos e, puxando-me por um braço, dispôs-se a atravessar a rua:

— Vamos para casa, rapaz. Vou de taxi e tu podes aproveitar. De vez em quando, sabe bem uma extravaganciazinha... E hoje eu sinto-me bem disposto... Talvez porque, no fundo, eu tenha a certeza de que a minha consciência está de bem com Deus!...

Romeyra Alves

Casa

— VENDE-SE na rua Formosa n.^o 10, torneando para a Travessa da Praça de Touros, n.^{os} 11 - 11 A e 13. — Telef 780181 — MONTIJO.

Precisa-se

— QUARTO com pensão para uma ou duas senhoras. Informa nesta redacção.

AGENDA UTILITARIA

Farmácias de Serviço

5. ^a feira, 18	— Higiene
6. ^a feira, 19	— Diogo
Sábado, 20	— Giraldes
Domingo, 21	— Montepio
2. ^a feira, 22	— Moderna
3. ^a feira, 23	— Higiene
4. ^a feira, 24	— Diogo

Boletim Religioso Vida Católica

HORARIO DAS MISSAS

5.^a feira, 18 — às 8, 8,30, e 9 h.;
6.^a feira, 19 — às 8, 8,30, 9 e 9,30 h.;
Sábado, 20 — às 8,30, 9 e 9,30 h.;
Domingo, 21 — às 8 h. na Igreja da Misericórdia; às 10, 11,30 e 18 h. na Igreja Paroquial; às 9 h. na Capela do Afonsoeiro e às 11,30 h. no Santuário da Atalaia.

Espectáculos

CINEMA TEATRO

JOAQUIM DE ALMEIDA

5.^a feira, 18; (Para 17 anos) O belo filme mexicano com Arturo de Cordova: «A Meia Luz... os Três».

Sábado, 20; (Para 17 anos) O drama alemão: «Os Noivos da Morte»; e o filme colorido, de aventuras: «O Homem da Colina», com Lex Barker.

Domingo, 21; (Para 12 anos) O maravilhoso filme em Technicolor e Vistavision, com Carmen Sevilla e Richard Kiley: «Flamenco»; e lin los complementos.

A's 15,30 horas, Matinée Infantil, com o filme de metragem: «A Manada Perdida».

3.^a feira, 23; (Para 17 anos) O filme alemão colorido: «O Amor que a Mulher Deseja»; e o filme de suspense: «O Monstro do Planeta Vénus».

Agradecimento

ao Ex.^m Sr. Dr. Alberto Janeiro

Maria Francisca Marques, convalescente da grave enfermidade que a atingiu e muito grata por todos os cuidados que empregou para o seu restabelecimento, vem publicamente testemunhar-lhe o seu grande e profundo reconhecimento pela muita dedicação, desinteresse e carinhos manifestados desde há cerca de dois anos.

Que me perdõe tão ilustre clínico se, com este agradecimento, venho ferir a sua modéstia, mas não poderia deixar de lhe manifestar a minha gratidão, por tudo quanto tem feito para debelar a minha doença.

Montijo, 15 de Dezembro de 1958
(a) Maria Francisca Marques R. António Rodrigues Pimentel, 19

Soc. R. P. Afonsoeirense

Realiza-se no próximo domingo, dia 21, nesta colectividade de recreio mais uma «soirée», a qual será abrilhantada pelo apreciado Conjunto Musical «Unidos do Jazz».

Com este baile dar-se-á início às tradicionais festas do Natal e de Ano Novo, nesta sociedade do Afonsoeiro.

Trespasa-se

— ESTABELECEMENTO de Drogeria em bom local e com boa clientela. Nesta redacção se informa.

Trespasa-se

— TABERNA e casa de comidas na Praça 1.^o de Maio, 24, desta vila. Informa António Ervedoso na morada acima indicada.

Futebol

Campeonato Nacional da 2.ª Divisão

Montijo, 5 - Sacavenense, 2

Boa recuperação dos montijenses

Sob a arbitragem do sr. Manuel Fortunato, de Évora, as equipas alinharam:

MONTIJO: — REDOL; MORA E SERRALHA; GARROA, PINTO E SANTANA; BARRIGA, RODRIGUES, VEREDAS, ANDRÉ E ROMEU.

SACAVENENSE: — Juvenal; Edmundo e Martins; Anibal, Belmiro e Orlando; Américo, Manuelito, Serra, Mário Rosa e Vitorino. Num campo enlameado, as duas equipas começaram o encontro com bastante energia, procurando

os sectores avançados surpreender as respectivas defesas.

Os visitantes mais enérgicos e procurando colocar a bola longe da sua área, com pontapés compridos, cedo deram que fazer à defesa local, onde era manifesta a falta de apoio da linha média ao sector defensivo, vendo-se estes em sérias dificuldades para anular os avanços contrários.

Os Sacavenenses adaptando-se melhor ao terreno e usando muito bem os passes compridos, cedo se colocaram em vencedores por in-

termédio de Mário Rosa, que, aproveitando um cruzamento da esquerda, com a defesa local toda batida, fez o remate à vontade para a baliza deserta; insistindo sempre no mesmo jogo.

Os orasteiros viram a sua vantagem aumentada, quando PINTO desnecessariamente meteu mão à bola na área de rigor, assinalando o árbitro a respectiva grande penalidade bem convertida por ANIBAL.

Vendo o perigo, os locais não esmoreceram e lançaram-se deliberadamente ao ataque, tentando recuperar o avanço do adversário; procedeu-se nesta altura a uma modificação na equipa local: SERRALHA trocou de posição com SANTANA e foi notória a subida da turma que conseguiu diminuir a diferença por intermédio de VEREDAS, com um remate para o lado esquerdo de Juvenal.

Pouco depois MORA trocou de lugar com SANTANA e o rendimento de um e de outro subiu bastante, mormente MORA, que vinha acusando certas dificuldades com o extremo à sua guarda

No 2.º tempo os montijenses que até aí pouco tinha usado do sistema de passes compridos, aliás indicado, dado ao estado do terreno e da chuva que caiu ininterruptamente durante todo o encontro, começaram a usar esse sistema e cedo colocaram os adversários na defensiva.

Com uma energia e vontade férrea de modificar o resultado, os visitantes construíram avanços sobre avanços, pondo em sérias dificuldades o compartimento defensivo dos visitantes, onde JUVENAL não tinha um momento de descanso; quando o empate surgiu, já há muito era merecido, só sendo de lamentar, que tivesse sido alcançado por um defesa de Sacavém que na ânsia de conjurar o perigo na sua área introduziu a bola na própria baliza, mas, também, serviu como prémio à falta de sorte dos locais, pois estes viram um remate, já com Juvenal batido, ser sustido pela água, mesmo em cima do risco de golo.

Continuando na ofensiva, os montijenses, desempataram por intermédio de ROMEU e não mais houve dúvidas quanto ao vencedor, assegurando ainda este jogador a vantagem com a marcação do 4.º e RODRIGUES o 5.º e último golo do encontro.

A vitória que não ofereceu dúvidas, premiou a melhor equipa no terreno e bem assim aquela que apesar da desvantagem, nunca se deu por vencida, e mercê duma vontade e energia extraordinárias pode somar no seu activo uma vitória, que, de certo modo, esteve comprometida.

Os visitantes apresentaram uma equipa bem preparada, com bom espírito de luta e de entreatada, salientando-se quanto a nós JUVENAL, ANIBAL E M. ROSA, estando os restantes bastante esforçados.

Os montijenses demonstrando também boa preparação, deram-se à luta com bastante garra e espírito de sacrifício, notando-se que todos procuraram cumprir, sendo no entanto justo que realcemos o bom trabalho de ANDRÉ, ROMEU, PINTO e VEREDAS.

O sr. Manuel Fortunato fez uma arbitragem imparcial. Com agrado, salientamos a correção de ambas as turmas.

Artur Lucas

Campeonato Distrital de Júniores

Sesimbra, 1

Montijo, 3

«A Província» - N.º 195 - 18-12-58

Sociedade Montijense de Carnes, L.ª

Para efeitos de publicação faço saber que por escritura de 30 de Julho do corrente ano, lavrada a fls. 50 e seguintes do respectivo livro n.º 6 B do cartório notarial de Montijo, foi constituída uma sociedade comercial por cotas de responsabilidade limitada, que será regida pelas cláusulas e condições constantes dos artigos seguintes:

1.º — A sociedade adopta a denominação «SOCIEDADE MONTIJESE DE CARNES, LIMITADA», a sua duração é por tempo indeterminado, o seu início conta-se desde hoje e tem a sua sede nesta vila e domicílio no Largo do Colégio;

2.º — O seu objecto é o exercício do comércio e indústria de carnes de porco, podendo explorar qualquer outro ramo de comércio ou indústria que seja permitido por lei;

3.º — O capital social é de 160.000\$00, em dinheiro, já integralmente realizado e corresponde à soma das seguintes cotas:

Uma de cinquenta mil escudos, que fica pertencendo ao 1.º outorgante CARLOS BARREIROS;

Uma de cinquenta mil escudos, que fica pertencendo ao 2.º outorgante ANTÓNIO PINTO JÚNIOR;

Uma de cinquenta mil escudos, que fica pertencendo à — Sociedade «SOLUSA — SOCIEDADE LUSITANA DE SARROS, LIMITADA»;

Uma de dez mil escudos, que fica pertencendo ao 4.º outorgante MARIO MIGUEL DE SOUSA RAMA;

4.º — Não são exigíveis prestações suplementares de capital, mas os sócios, poderão, querendo, fazer os suprimentos necessários nos termos e sob as cláusulas que entre si combinarem e constarem da respectiva acta;

5.º — A sociedade será representada em juízo e fora dele, activa e passivamente, por todos os sócios, com dispensa de caução e sem remuneração, bastando para que a sociedade fique validamente obrigada, em todos e quaisquer dos seus actos e contratos e documentos, as assinaturas, em con-

junto e em nome da sociedade, de dois membros gerentes;

§ Único — Aos gerentes é expressamente proibido, obrigar a sociedade em fianças, abonações, letras de favor e mais actos ou documentos estranhos aos negócios sociais, sob pena de responsabilidade pessoal para com a sociedade;

6.º — A cessão de cotas entre os sócios é livremente permitida, mas a estranhos fica dependente do consentimento expresso da sociedade, à qual é, em todo o caso reservado o direito de preferência. Não usando a sociedade deste direito de preferência, competirá o mesmo aos outros sócios na proporção das que, já possuem na sociedade;

7.º — Os balanços serão anuais e fechados em 31 de Dezembro de cada ano, e os lucros apurados, depois de deduzida a percentagem de 5%, pelo menos para a realização ou reintegração do fundo de reserva legal e qualquer outra que em Assembleia Geral for determinado retirar para constituir novos fundos, serão distribuídos pelos sócios na proporção das suas cotas. Na mesma proporção serão suportadas as perdas, se as houver;

8.º — A convocação da Assembleia Geral será feita, quando necessária, por meio de carta-aviso registada, com a antecedência de 5 dias, se a lei não exigir outra forma;

9.º — Por morte ou interdição de qualquer dos sócios a sociedade continuará com os herdeiros ou representantes, conservando-se a respectiva cota indivisa e devendo nomear digo devendo os herdeiros ou representantes, nomear dentre eles, um que a todos represente na sociedade, sem o que não terão nela qualquer ingerência;

10.º — Em todo o omissio regularão as disposições legais aplicáveis.

Montijo, 22 de Novembro de 1958.

O Ajudante do Cartório,

(Manuel Cipriano Rod, Futre)

Grande Concurso de Prognósticos de Futebol

Continuamos hoje a publicar os cupões de prognósticos deste valioso Concurso, que continua despertando interesse entre os nossos leitores.

Resultado do Concurso de Prognósticos

Cupão N.º 13, de 14-12-58 — Cupões entrados: 118, dos quais três foram anulados, por não poderem ser considerados.

VENCEDORES: — *Alvaro Brito*, Casa de Saúde Guedes, Montachique; *Manuel Lagoa de Sousa*, Rua Gago Coutinho, 106, Montijo e *Helder Martins*, Pegões-Gare, que acertaram em doze resultados, a quem compete a participação no 2.º prémio, de Esc. 100\$00, a receber nesta redacção por compras, em estabelecimento à sua escolha.

Deserminação das classificações por concorrentes: 3 com 12 resultados certos; 6 com 11; 26 com 10; 51 com 9; 16 com 8; 10 com 7; 1 com 6; 1 com 5 e 1 com 4 — Soma 115 e 3 anulados — TOTAL 118 cupões.

Campanha Pró-Clube Desportivo de Montijo

Dos 115 cupões válidos entrados, acertaram nos vaticínios relativos ao jogo Montijo-Sacavenense, pelo resultado favorável ao nosso Clube, 113 concorrentes com 2 derrotas.

Esclarecem-se todos os participantes nesta Campanha que, a partir desta semana, foram modificados os prémios estabelecidos anteriormente, os quais ficaram agora assim estabelecidos:

1.º — 250\$00; 2.º — 150\$00 e 3.º — 100\$00 os quais serão aplicáveis para o resultado final desta Campanha.

CORTE POR AQUI

Cupão N.º 15 Concurso de Prognósticos de Futebol de «A Província»

Domingo, 28-12-58

2.ª Divisão (Zona Norte)		2.ª Divisão (Zona Sul)	
Leixões	Gil Vicente	Atlético	Coruchense
Vianense	Boavista	Serpa	Oriental
Espinho	Oliveirense	Juventude	Farense
Vila Real	Chaves	Portimonen.	Arroios
Sanjoanense	Tirsense	Olhanense	Sacavenense
Salgueiros	Peniche	Estoril	Almada
Portalegre	Marinhense	Montijo	Beja

Campeonato Nacional da 1.ª Divisão
Cuf..... Belenenses.....

Nome

Morada

Localidade

«A Província»

Cupão N.º 15

Enviar este cupão até às 12 horas de Domingo 28

AO CAIR DA TARDE

(Continuação da primeira página)

calves e a sua canoa *Maria Albertina*.

— É o nome da esposa, não?

— É o nome da filha. Dá o mesmo.

Mais lá, de costado tombado a estibordo, descansa a S. JOSÉ, do Joaquim, seu irmão. Mais dois irmãos com os respectivos barcos, e temos uma campanha das 12 que há no Montijo.

— Que se pesca agora? — perguntei. E o sol a baixar, o fluxo da maré a começar, e a tarde cada vez mais sedutora...

— Agora estamos no despeso. As artes estão paradas. Só há pesca de arrasto. Aparenta-se a canoa à bote e toca a ir por essas carreiras do

nosso rio. Apanha-se de tudo, que se carrega numa enviada para a ribeira, me Lisboa.

Soube que os pescadores — 10 homens em cada campanha — ganham todos por igual, estejam sãos ou doentes, mutualismo previdente que me impressionou. Em regra, os arrais são os próprios donos dos barcos, o que dá lugar à maior humanidade que regula as relações entre patrões e assalariados.

O sol está prestes a extinguir-se. Uns lenços de cambraia rósea andam no vestido azul do céu a dizer adeus. Despeço-me do Manuel Gonçalves, do Luís da Areia que ficou a recolher um trigo que tinha a secar, e regresso a casa encantado com o «film» que o acaso me desbobinou ante os olhos, no «écran» da Natureza-mãe.

Cabral Adão

SANFER, L.ª

SEDE

LISBOA, Rua de S. Julião, 41-1.º

AEROMOTOR SANFER o moínho que resistiu ao ciclone — FERROS para construções, ARAMES, ARCOS, etc.

CIMENTO PORTLAND, TRITURAÇÃO de alimentos para gados

RICINO BELGA para adubo de batata, cebola, etc.

CARRIS, VAGONETAS e todo o material para Caminho de Ferro

ARMAZÉNS DE RECOVAGEM

ARMAZÉNS

MONTIJO, Rua da Bela Vista

Foto Cine Filme

Trabalhos para amadores

Fotografias d'Arte

Aparelhos fotográficos

Reportagem Fotográfica

Rua Bulhão Pato, 11 - MONTIJO

Lisboa de antes e após a guerra

(Continuação da última página)

acolhimento do povo português, Portugal se tornou finalmente conhecido no estrangeiro.

Os refugiados que adre-garam alcançar Lisboa, ficaram conhecendo bem a existência da nossa bela capital e reclamaram-na como uma das melhores em seus países e que merecia ser visitada.

Aqueles que entraram pelo norte de Portugal, como m'õ contou o locutor Fernando Pessa, numa entrevista que me concedeu em Novembro de 1945 para o «Notícias de Évora», logo que a paz surgiu, muitos ingleses acorreram à Casa de Portugal, em Londres a solicitar informes da maneira de visitarem Portugal, isto, porque a gente do norte dava tudo o que possuía de comida e agasalho, mal aqueles pobres desgraçados entravam a nossa fronteira, famélicos e esfarapados.

Actualmente, a par dos milhetos paquetes que todos os dias atacam, dos quais desembarcam centenas de raparigas loiras, de «prismático» a tiracolo, irmãs gémeas daquelas que nos visitaram antes da guerra passada, o movimento marítimo dos navios de carga vindos dos países mais diversos, também tomou incremento, despejando em Lisboa, desde as imediações de Alcântara ao Cais do Sodré uma fauna de tripulantes, semelhante à de sempre.

As baiucas do Arsenal e arredores voltaram a repercutir as vozes de sotaque áspero dos marinheiros estrangeiros, que fazem exclamações para nós incompreensíveis, entre dois «drinks».

Para os turistas, de novo surgiram os «intérpretes» oficiais, preparados agora com exames e boas maneiras. Para o marinheiro, qual-quer pobre diabo que «arranhe» o inglês ou o francês do cais, serve. E não é raro ve-los através do Arsenal ou do Ferregial. Três ou quatro marinheiros loiros, de samarra de couro caminham a passo certo. Na sua frente segue, em geral, um negro do cais, que à força de conviver com eles, tem acabado por falar a língua deles. Em geral o inglês atamancado, sem gramática, mas no final, lá se entendem. «Girls, wine, cigarettes», são os três objectivos destes vagabundos das mais variadas raças, cujo lema é, viverem a dobrar uma vez em terra, aqueles dias amargos de trabalhos pesados e de isolamento vividos entre céu e terra, lutando tantas vezes contra a tempestade!

De quando em vez, o negro pára e exclama — «come on, boys. Girls there». E estes lobos do mar, lá caminham dóceis como ovelhas, seguindo o intérprete amador «agarrado no cais», que os conduzirá ao destino, tal como a bússola os conduz no mar alto, tudo isto a troco duns copos de vinho, alguns cigarros estrangeiros, e duns magros cobres.

E no fundo de tudo aquilo, existe a atracção congénita de todos os portugueses pelos estrangeiros, puro reflexo do nosso espírito aventureiro, pálida sombra dos empreendimentos da raça lusa de outras eras, na luta insana das descobertas de terras afastadas! **Anibal Anjos**

“Este vale de lágrimas...”

Crónicas de ROMEYRA ALVES — N.º 8

Naquele domingo, encontrei-me com Zacarias à saída da Igreja. Católico convicto, o meu amigo, embora não seja um praticante assíduo, vai muitas vezes à Igreja fazer as suas orações, em profundo recolhimento, procurando sempre a hora a que o templo está mais vazio.

— Não gosto de ajuntamentos, — explicou-me ele, um dia — e prefiro entrar na Igreja quando ela está quase vazia, porque assim me encontro melhor com Deus...

Ficámos surpreendidos quando, no último domingo, o encontramos à saída da Igreja onde também fomos cumprir a nossa devoção.

A fazer horas para o almoço, fomos até ao café, para alguns minutos de amena cavaqueira.

Zacarias acendeu um cigarro e começou:

— la apostar que estás admirado de me veres sair da Igreja hoje... E digo hoje, porque é domingo...

— Realmente, — começamos.

— Pois é assim, meu rapaz... Uma vez por outra gosto de fugir à minha norma e venho até à Igreja no dia em que, normalmente a maior parte das pessoas mostram ir cumprir a sua devoção... Nota que eu digo «mostram» e que Deus me perdoe se eu não tenho a consciência do que estou a dizer...

Interrompendo-se para sacudir a cinza do cigarro, Zacarias sorriu, num sorriso irónico:

— É triste dizer-lo, mas é

assim... Basta que qualquer de nós se dê ao trabalho de observar um pouco as pessoas que, aos domingos, vão à Igreja... Prestemos a nossa homenagem àquelas que lá vão para cumprir os seus deveres para com Deus... Mas é preciso que as saibamos distinguir daquelas pessoas que, fazendo-se passar por bons cristãos e crentes convictos, apenas pretendem fazer do sagrado acto da missa um meio para servir os seus fins. É o caso clássico, tristemente clássico, de não se olhar a meios, para se atingir os fins... Refiro-me às senhoras que vão exibir os seus vestidos novos e as suas jóias e aos meninos e meninas que vão procurar namoro... ou namorar às escondidas dos pais...

Nova pausa, que Zacarias aproveitou para beber o café e esmagar o cigarro no cinzeiro. Depois, continuou:

— Talvez tu não estejas de acordo comigo, rapaz, mas são essas as tristes conclusões a que eu, infelizmente, cheguei. A verdade é que, para muitas senhoras chics, a Igreja, durante a missa dominical, é uma espécie de passagem de modelos. Uma passagem de modelos, sim, com todo o seu cortejo de vestidos da última moda, segundo os últimos figurinos ditados por Jacques Fath e outros sucessores de Dior, de chapéus das últimas criações e dum nunca acabar de jóias, cujo faiscar chega a fazer mal aos olhos na semi-penumbra do templo... A verdade é que essas damas elegantes não conseguem iludir ninguém com o seu ar recolhido e com o terço que vão desfiando, sem sequer pensar no que estão fazendo... Há, depois, as meninas e meninos que vão à Igreja, não para rezar, não para prestar o seu culto ao Senhor, mas, sim, para namorar... A verdade é dolorosa, contundente para os espíritos de boa for-

mação, mas é a verdade, nua e crua... que, doa a quem doer, eu não posso deixar de assinalar...

Zacarias acendeu outro cigarro, puxou duas ou três fumaças e logo prosseguiu:

— Tu vais talvez dizer que eu não passo dum cretino, dum má-língua, que em tudo vê o mal... Mas olha eu que falo com conhecimento de causa... Tenho assistido a muitas conversas de certos meninos-bem que, à porta da Igreja, sem respeito pela Casa de Deus, trocam as mais inconvenientes frases, fazendo os mais atrevidos e asquerosos comentários às raparigas que entram ou saem do Templo. São esses, afinal, os dignos representantes dessa fauna miserável que constitue a mocidade de hoje e serão os homens de amanhã... Os tristes representantes do futuro, de cérebro atrofiado por idéias mesquinhas e inconfessáveis, vivendo apenas para a matéria e relegando para plano mais que secundário as profundas coisas do espírito.

Havia um sorriso irónico e triste nos lábios do meu amigo:

— Tudo isso me repugna, meu rapaz, e é por isso que eu quando vou à Igreja, porque vou por devoção e porque vou procurar encontrar-me com Deus, para lhe pedir perdão dos meus pecados e para que não me desampare na escada íngreme da Vida, procuro sempre a hora a que pouca gente lá está... É que eu sei que as poucas pessoas que lá encontram, estão ali por devoção, porque como eu vão procurar Deus e não fazer a triste exibição da sua vaidade... De vez em vez, vou aos domingos à Igreja... mas acabo sempre por vir desiludido, com a alma a transbordar de repugnância por aquilo que vejo e ouço...

Zacarias levantou-se, pagou os cafés e saímos para a rua.

(Continua na página 3)

Natal — Presépio — Árvore do Natal — O Pai Natal

(Continuação da primeira página)

de 24 para 25 de Dezembro.

Esta lenda, que nada tem de nacionalismo construtivo, teve a sua origem nos países nórdicos, protestantes e «daí irradiou para todo o mundo nas asas de uma ideologia paganisante ou,

pelo menos, deformadora do catolicismo». «O velho» «pai Natal» diziam há dias as *Novidades*, soa na nossa terra e nos nossos costumes cristãos a contrabando. Fechem-se-lhe todas as portas: nos jornais, nos cartazes, nos

apelos e sobretudo nos lares cristãos em que a «árvore do Natal» é também o sinal de estragos de um paganismo para o qual não pode haver qualquer espécie de cumplicidade».

Prof. José Manuel Landeiro

Singular Amor!

(Conto) Por - Alvaro Pereira

(Continuação do número anterior)

A todas queria com o mesmo entusiasmo, o mesmo ardor, ainda que a preferência fosse para Guilherme, filho da tia Ana, rendeira.

Com efeito, aquela afeição criara raízes de forma extraordinária. Ambos eram irmãos da mesma simpatia, do mesmo entusiasmo. Onde estava um, estava o outro. E, para Chigunça, aquela pequenina alma era como porto de abrigo no mar devastado da sua amargura.

A própria mãe, sentindo a sinceridade daquela dedicação, deixava muitas vezes o menino entregue aos seus cuidados; e, Chigunça então, a superar os carinhos maternos, excedia-se em desvelos que a criança parecia compreender e estimar sobremaneira.

No rosto de Guilherme apareciam, por vezes, as lágrimas da teimosia refreada pela reprimenda dos pais, e, logo Chigunça, como se tal choro ferisse o próprio coração, agarrava nele e levava-o para longe, para a quietude dos campos, como a fugir a novo castigo.

A criança sentia-se segura naquelas mãos negras, rijas como aço, mas consoladoramente carinhosas. E sorria feliz, principalmente quando Daniel Chigunça lhe mostrava a beleza das flores; o esvoaçar engraçado das avezitas; o som cantante de algum riacho a serpentear os córregos da serra; ou então, lá longe, como imagem estampada no horizonte, a vastidão do mar, naquela zona quase nua de navios.

O mundo para Chigunça era a natureza virgem ainda da cubiça do homem. Era aí, no meio da paz dos campos, que ele gostava de ficar. Parecia-lhe então que a vida tinha sabor diferente, mais agradável, e que um contentamento íntimo, profundamente apetecido, lhe subia ao peito e aí se fixava para sempre.

Daniel Chigunça sonhava porque o sonho é de todo o homem que tem coração e quer viver os momentos que lhe restam na doce ilusão de ter espalhado o bem à sua roda...

* * *

A notícia correu célere. Quando vieram dizer a Chigunça que Guilherme estava à morte, por ter sido atropelado, ele não quis acreditar. Estavam zombando do seu bem querer, com certeza. Pois se ele ainda há pouco o tivera nos braços e lhe ouvira os mesmos gracejos e lhe consentira as mesmas traquinices! Não, não podia ser!

Para acalmar, porém, a sua inquietação decidira ir procurá-lo. Queria dizer com a sua presença que o boato era falso, de muito mau gosto até.

(Continua no próximo número)

TERRAS DE PORTUGAL

LISBOA, Cidade Maravilhosa...

Se o leitor já visitou Lisboa e se deu ao trabalho de atravessar o rio até Cacilhas, ao contemplar a cidade lá do meio do Tejo terá a ilusão quase perfeita de que está a ver Constantinopla.

Para tanto, bastar-lhe-á ter alguma vez admirado um postal da celebre cidade turca para ter esta ilusão.

Não que verdadeiramente a nossa capital, uma vez atravessada, esteja povoada de cúpulas e de minaretes. Todavia, vários factores tornam Lisboa, vista do Tejo semelhante à velha Istambul.

Como ela, a nossa cidade está disposta em anfiteatro, e do casario velho da cidade baixa, até para além de Alcântara para um lado, e do Poço do Bispo para o outro, erguem-se para o firmamento, as torres aguçadas da Sé Patriarcal, de Santo António da Sé, da igreja de S. Vicente de Fora e a cúpula do Mercado 24 de Julho que, de mistura com outros análogos de sômemos importância dão ao visitante essa ilusão que aponto.

Nesse conjunto pitoresco nós cremos divisar, dentre o amontoado de casas, o bairro turco, outrora diplomático de Pera, Eyoub e o seu cemitério, e nas torres erectas das igrejas, assim como na cúpula do mercado do Cais do Sodré, os minaretes e a cúpula das várias mesquitas, de Sulemanié, ou outras, na Turquia. Mas não.

Ali é pois, Lisboa cristãmente fiel que o nosso rei D. Afonso Henriques, fundador da nacionalidade há mais de oitocentos anos arrancou às garras aduncas dos mouros muçulmanos, e não a Turquia regida pela fé do Alcorão.

Um conjunto de circuns-

tâncias geográficas e de urbanização, aliadas a méras outras coincidências, assemelham Lisboa, — a das sete colinas debruçada sobre o Tejo —, a Constantinopla debruçada sobre o Bósforo, povoada de mesquitas com erectos minaretes, onde ao cair da tarde os «muezzins», de vozes privilegiadas vêm convidar os fiéis à oração,

Uma leve brisa sopra sobre o rio. Há raparigas loiras vestidas de claro que assestam «prismáticos» para a nossa urbe, enquanto as suas saias curtas e vaporosas esvoaçam como os seus frágeis cabelos, sob o impulso da brisa que os impele.

Um cavalleiro nédio, de crânio rapado à navalha, impecavelmente limpo, con-

triângulo turístico Estoril-Cascais - Sintra, levando, depois, como lembrança da nossa terra, da capital mais ocidental da Europa, a recordação dalguns dias passados num clima bem temperado, para eles, acostumados aos nevoeiros da velha Albion, ou da Europa Central.

* * *

LISBOA DE ANTES E APÓS GUERRA

Constantinopla? Não. É Lisboa, a das sete colinas

- Os Turistas - O que foi para nós a guerra passada e os refugiados - Os intérpretes profissionais e os intérpretes amadores - Lisboa, continua a ser a atracção dos estrangeiros.

clamando com estridência lá nas alturas: — *Allah é grande e Mahomet o seu profeta!*

No entardecer a cidade tem um ar de festa. No horizonte visual o sol desce, tingindo o firmamento de fogo! Na poalha acinzentada dum crepúsculo que tudo invade, um luxuoso e magestático paquete desce o Tejo.

É francês? É inglês? Americano ou de outra nacionalidade? Para o caso não importa. Sobre as suas cobertas, lisas como salões de baile, algumas centenas de estrangeiros tentam na meia penumbra do crepúsculo divisar Lisboa, a nossa cidade eternamente querida por nós, que eles agora visitam pela primeira vez.

traí o sobrolho para segurar o monóculo, na esperança vã de conseguir enxergar ainda alguma coisa do aspecto panorâmico da velha Ulisses, enquanto morde um cachimbo negro de cerejeira.

A despeito da penumbra, uma das meninas loiras dos

POR
Anibal Anjos

binóculos exclama, cheia de contentamento — *«very nice, Lisbon!»*. Ao que o cavalleiro contesta — *«oh! yes, indeed!»*

Entretanto o navio continua sulcando as águas calmas do Tejo bonançoso, em direcção à Rocha do Conde de Óbidos.

Estes passageiros do barco de nacionalidade que não interessa para o caso, são alguns daqueles turistas que nos visitaram frequentemente antes da guerra, que dançavam no antigo «Maxim's» instalado no Palácio Foz, jogavam no Casino do Estoril e faziam o sacramental

1939. Sobre a Europa desencadeia-se a fúria apocalíptica da guerra. Sobre toda a Europa, pouco a pouco, dia a dia, vão-se mobilizando homens e mulheres para combaterem o flagelo.

Por toda a parte, de Berlim para o norte e para o sul da Europa as tropas germânicas tudo avassalam, destroem e incendiam, sob a égide da cruz suástica. Lisboa, encontra-se desta sorte isolada do mundo inteiro, ou quase.

As carreiras marítimas de passageiros foram cortadas. Os lugares para as viagens aéreas, esses mesmos, são concedidos por ordem de inscrição e de uma maneira irregular. Lisboa, então, é invadida por uma outra espécie de turistas — «os refugiados»!

Fugindo ao invasor e servindo-se para tal de todos os meios ao seu alcance, esses deserdados da sorte procuram abrigo na nossa terra. Alguns chegavam aqui miseráveis, como vi bastantes chegarem a Lisboa.

Em certa noite quente de Julho de 1940, recordo-me bem de ter visto parar no cimo da Avenida da Liberdade, cerca da Rua Alexandre Herculano, uma «conduite» poeirenta. Sobre o seu tejadilho havia muitas malas velhas, sujas, atadas com cordas. Ao volante vinha um homem loiro, dos seus quarenta anos. O carro parou e dele saiu uma mulher loira e quatro crianças loiras também.

Ela vestia com elegância, mas pobremente. Uma blusa cor de rosa e uma saia castanha. A sua cabeleira em desalinho dava a esta mulher bela um aspecto de acabrunhamento que nos compungia. Aproximei-me do carro e verifiquei que a matrícula era belga. Aquela família constituía mais uns tantos que vinham engrossar a horda de refugiados que já cá estavam, e que comiam o pão que o Diabo amassou, passando privações, dando lições de línguas que eles muitas mal sabiam, «encostando-se», contraindo dívidas, enfim, servindo-se de todos os meios possíveis e imagináveis na luta pela vida, enquanto esperavam por melhores dias ou por um avião que os levasse para os Estados Unidos ou para o Brasil — terras de promessa!

Ou então, aguardavam com fé, a justiça de Deus, tendo por símbolos a sagrada cruz do mártir do Golgota e o V da vitória.

Esse dia chegou, finalmente, na inolvidável madrugada do dia D. quando um punhado de bravos galgou as escarpas de Dunquerque. Lisboa, viu então, pouco a pouco, partir os refugiados, aqueles que em seu seio encontraram algum pão e sossego de espírito, se bem que alguns por lá tivessem deixado os entes queridos.

Passou a tormenta e de novo Lisboa retomou o seu movimento turístico de outrora, agora mais desenvolvido porque, graças ao

(Continua na página 5)

YOGHURT
BOM DIA

Fonte de Saúde e Energia



Preparado sob controle científico

Saúde e energia com Yoghurt BOM DIA

BIOLACTA - R. Luís Augusto Palmeirim, 15-A-B

LISBOA - Telef. 775027

V A R I N I N H A

Quentinha ainda do leite,
Saltitas p'la rua fora,
É linda, de grácil geito,
Tua boquinha de amora.

Com o suor do teu rosto
Amassas o negro pão,
Desde manhã ao sol posto
Enche as ruas teu pregão:

«Chocos para tigelada,
Carapau vivo, a saltar,
Marmota fresca, pescada,
Sardinha do nosso mar».

A' noite, sem 'star moída
De tanto calcorriar,
Fresquinha, cheia de vida
Vens à porta namorar.

Chega breve o casamento,
Tuas graças divinais
São sonho, encantamento,
O espelho de teus pais.

Foge a pomba do pombal,
Vai em busca de outro ninho,
Ouviu rolar num beiral
Um pombo belo, de arminho.

O braço forte e amigo
Do teu homem predilecto
Granjeia o pão, dá-te abrigo,
É a luz do teu afecto.

A' mesa cravos e rosas,
Teus filhinhos em botão,
Pedras ricas, preciosas
Do colar do coração.

João Pereira Bastos